

Caminhadas na natureza com trabalhadoras e trabalhadores da educação: um estudo ecofenomenológico das experiências estéticas¹

Alberto Cabral Ferreira²

Orcid: 0000-0002-7137-0194

Valéria Ghislotti Iared³

Orcid: 0000-0002-1082-9870

Resumo

Este estudo objetivou investigar as experiências multissensoriais de trabalhadoras e trabalhadores da comunidade escolar de Pinheiros (Espírito Santo) com a natureza. Trata-se de uma pesquisa pautada em referenciais ecofenomenológicos, que considera as dimensões ecológicas e filosóficas do ser humano nas diferentes interações com os mais-que-humanos. A produção dos dados aconteceu a partir da observação participante e de caminhadas com quatro participantes da comunidade escolar. Foram realizados registros em fotos, vídeos e descrições, apoiados no movimento metodológico denominado como etnografia sensorial, dos/nos mergulhos multissensoriais das experiências estéticas dos participantes da pesquisa. As experiências de cada participante originaram (eco)narrativas, as quais foram analisadas segundo os referenciais da fenomenologia. Os aspectos emergentes surgiram a partir da triangulação das (eco)narrativas e respondem a nossa questão de pesquisa. Portanto, os aspectos emergentes são concebidos como as experiências multissensoriais que afloraram durante as caminhadas com as trabalhadoras e os trabalhadores da comunidade escolar: 1) Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica; 2) Protagonismo dos mais-que-humanos; 3) Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica; 4) Correspondência entre corpos. Embora este estudo não tenha objetivado prescrever as caminhadas na natureza como manual a ser seguido para práticas de educação ambiental menos antropocêntricas, advogamos que essa forma de ocupação da natureza pode implicar em práticas de educação ambiental nas quais mais-que-humanos estejam em condições simétricas no processo e, também, despertem sentimentos éticos de respeito à alteridade de outros elementos, para além dos seres humanos.

Palavras-chave

Educação da atenção – Etnografia sensorial – Mundo mais-que-humano – *Walking Ethnography* – Correspondência.

1- Disponibilidade de dados: o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está disponível publicamente no link: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/88614>

2- Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Nova Venécia, ES, Brasil. Contato: albertocabrall@hotmail.com

3- Universidade Federal do Paraná, Palotina, PR, Brasil. Contato: valiared@gmail.com

4- Adotamos o uso do til (~) com o intuito de conceber os elementos, de forma indissociável, emaranhados e em continuidade.



<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551283514por>

This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY 4.0.



Nature walks with education workers: an ecophenomenological study of aesthetic experiences

Abstract

This study aimed to investigate the multisensory experiences of workers from the school community of Pinheiros (Espírito Santo) with~in nature. The research is based on ecophenomenological references, which consider the ecological and philosophical dimensions of the human being in the different interactions with the more-than-human. Data was produced from participant observation and walks with four participants from the school community. Records consisted of photos, videos, and descriptions, supported by the methodological movement known as sensory ethnography, of/in the multisensory dives into the aesthetic experiences of the research participants. The experiences of each participant gave rise to (eco)narratives, which were analyzed in accordance with the phenomenological references. The emerging aspects came from the (eco)narratives triangulation and answered our research question. Therefore, the emerging aspects are conceived as the multisensory experiences that emerged during the walks with the school community's workers: 1-) Finitude of human existence in relation to the Atlantic Forest; 2-) Protagonism of the more-than-human; 3-) Fluidity of the microclimates of the Atlantic Forest; 4-) Correspondence between bodies. Although this study did not aim to prescribe nature walks as a manual to be followed for less anthropocentric environmental education practices, we advocate that this form of occupation of nature can imply environmental education practices in which more-than-humans are in symmetrical conditions in the process and also awaken ethical feelings of respect for the otherness of other elements, beyond human beings.

Keywords

Education of attention – Sensory ethnography – More-than-human world – Walking Ethnography – Correspondence.

Introdução

O presente artigo apresenta as caminhadas na natureza como meio de explorar as respostas corporais durante experiências multissensoriais para fins de uma educação ambiental menos antropocêntrica⁵. As referidas caminhadas visaram explorar o que

5 - Em tempos de capitalismo exacerbado, alguns autores vêm explorando conceitos como Antropoceno, Capitaloceno e até algo novo como o *Chthulucene*, termo discutido por Donna Haraway (2015). Segundo a autora, nós precisamos nos compor, fazer alianças e parentes com outras formas de ser e existir. É nesse sentido que entendemos uma abordagem menos antropocêntrica, algo que nos convida a estarmos mais atentos e atendermos a presença do mundo em uma perspectiva mais-que-humana.



nos mostravam as experiências multissensoriais de um pequeno grupo (três homens e uma mulher) de trabalhadoras e trabalhadores da educação que moram na cidade de Pinheiros, Espírito Santo (ES).

Payne e Wattchow (2009); Carvalho e Mhule (2016); Sato (2016); Iared e Oliveira (2017, 2018); Iared (2018); Duarte, Sato e Pazos (2018); Payne (2020); Carvalho, Steil e Gonzaga (2020), entre outros, nos levam a perceber que há consideráveis lacunas relativas às experiências estéticas na natureza, nos âmbitos da pesquisa e das práticas em educação ambiental. A literatura acadêmica vem pontuando, também, o silenciamento dos valores éticos e estéticos e, especificamente, a experiência estética na educação ambiental (Iared; Oliveira; Payne, 2016; Marin; Kasper, 2009). Segundo Iared, Oliveira e Reid (2017), a falta de atenção à experiência estética na educação ambiental está relacionada à supervalorização da esfera cognitiva no processo educacional. Para Carvalho e Mhule (2016), essa dificuldade de se implementar o aprendizado pela experiência, está nos movimentos disciplinadores instituídos no processo educacional. Segundo elas, essa “menor importância da validade de elementos como a estética, a crença e os saberes locais e tradicionais, os sentimentos e emoções” (Carvalho; Mhule, 2016, p. 31), provém de um modelo de ciência gerado dentro do projeto de modernidade ocidental, onde o aprendizado é fundamentado na absorção do conhecimento pré-fabricado, e o saber se restringe ao armazenamento ao invés de haver recriação de significados da experiência. Experiências, estas, desde o nascimento propiciadas por nossas “conexões viscerais com o mundo da vida como criaturas na/ com/ como natureza” (Iared; Oliveira, 2017, p. 100).

Entendemos a experiência estética, segundo a perspectiva de Iared, Oliveira e Reid (2017), como aquela em que a resposta afetiva ao mundo se dá pela imersão nele, de todo o corpo, como uma mente encarnada. Para as autoras e o autor, estética pode ser definida como “experimental e se engajar com~no mundo tendo como fonte e origem as práticas corporais” (Iared; Oliveira; Reid, 2017, p. 6, tradução nossa). Ao pesquisarem sobre as experiências estéticas no Cerrado, compreenderam que “todo o corpo está imerso no mundo como uma mente encarnada, seja através de uma sensibilidade crítica do ser, tornar-se e/ ou experimentar a natureza” (p. 2, tradução nossa). Dizem, ainda, que estética é definida como experimentar e se engajar com~no⁶ mundo, tendo como fonte e origem as práticas corporais.

Já Marin e Oliveira (2005, p. 197) concebem a experiência estética como o modo de nos relacionarmos no emaranhado de teias do mundo, “de múltiplas formas, marcadas pela afetividade, pela emoção, pela memória, enfim, por todas as capacidades e dimensões que o constroem além da racionalidade”. Essa conceitualização nos leva a compreender que a experiência estética na natureza só é possível pela vivência de um ambiente permeado de emoções (Hermann, 2005). Essa perspectiva, então, requer um movimento construtivo de uma nova ontologia.

6 - Adotamos o uso do til (~) com o intuito de conceber os elementos, de forma indissociável, emaranhados e em continuidade.



Com base nessas acepções, a pesquisa se pautou em referenciais ecofenomenológicos de Brown e Toadvine (2003). Ao acoplarmos o termo eco ao verbete fenomenologia, entendemos que surge uma ênfase na incorporação do mundo mais-que-humano na experiência do mundo sensível. Segundo Iared (2019, p. 3), essa lógica colaborativa “entre a fenomenologia e os princípios da ecologia profunda e do ambientalismo visa erradicar os pressupostos antropocêntricos e propor alternativas para ampliar o campo teórico desse referencial”. Essa orientação filosófica, assim como a essência da nossa presente proposta, busca compreender a inerência da indissolubilidade entre ser humano e natureza, e a junção do pensamento ecológico com a fenomenologia, provocando considerações no que concerne à paridade dos vínculos que há no mundo mais-que-humano. Diante do exposto, o presente estudo objetivou investigar as experiências multissensoriais de trabalhadores(as) da comunidade escolar de Pinheiros (ES) com~na natureza.

Referencial teórico-metodológico

Problematizar as experiências estéticas na natureza para uma educação ambiental menos antropocêntrica significa se lançar na busca pela compreensão do lugar como produto dos imbricamentos do mundo mais-que-humano. Esses significados, por sua vez, expressam nossa atuação no mundo. Afinal, compreendemos nossa percepção e atuação no mundo como provenientes de nossas capacidades sensoriais (Johnson, 2007; Ingold, 2000; 2011; Sheets-Johnstone, 1999). Tal movimento se assenta nos pressupostos de uma perspectiva ontológica em que nosso corpo (pela sensorialidade) e as coisas são colocados, de maneira simultânea, em contato com a profundidade do mundo visível (Merleau-Ponty, 1984). Uma perspectiva que se “leva a sério a ideia das coisas como agentes junto *com* humanos” (Coole; Frost, 2010, p. 153, tradução nossa).

Ingold (2012) se contrapõe à visão estática dos corpos ao nos ensinar que a vida ocorre em termos de linhas e fluxos, nos quais a matéria, indistintamente biológica e cultural, pulsa sem invólucros, ou seja, se movimenta. Para ele, a constituição dos organismos é dada pelo transpassar dos materiais, afinal, os organismos não se fecham em limites corporais. Complementar a essa percepção de afetamento, Le Breton (2000) defende que se movimentar é colocar-se numa possibilidade de deslocamento. Implica em que nos sujeitemos a ser tirados da tranquilidade/comodismo da vida cotidiana por um tempo ou mais, colocando-nos em flutuações da estrada, do clima, dos encontros, ou seja, não ficamos limitados a nenhum tipo de urgência intencionada.

É necessário que ressaltemos, ainda, que trabalhar com a dimensão sensível/sensorial fez com que nossa escolha metodológica se tornasse um desafio, mesmo sabendo que *estudos móveis* são uma categoria que está ganhando proeminência no campo de pesquisa em educação ambiental (Iared, 2019). A referida autora diz que o movimento, a partir do caminhar, vem se tornando uma possibilidade de produção de dados para gerar interpretações das relações ser humano~natureza e entrosamento das dimensões éticas~estéticas~políticas (Payne, 2014; Rodrigues, 2015) entre



cultura~natureza. O movimento, aqui, é tido como fluxo constante de matéria e corpo, como uma condição intrínseca de todos os elementos (humanos e mais-que-humanos).

Assimilamos de Ingold (2000) que a postura do nosso corpo está diretamente relacionada à nossa experiência sensorial. Diante disso, consideramos que a etnografia sensorial respondeu às nossas expectativas na busca de apreender os saberes que foram produzidos por meio das experiências estéticas na natureza com os participantes da pesquisa. Tal metodologia – que tende a incluir a observação participante, entrevistas etnográficas e uma série de outras técnicas de pesquisa participativa – desenvolve-se e adapta-se, frequentemente, no contexto e conforme se torne apropriado para as necessidades e possibilidades proporcionadas pelo projeto de pesquisa (Pink, 2009).

Tal aposta partiu da percepção de que atividades encarnadas e multissensoriais envolvem multidimensões de corporalidade e itinações com as materialidades do mundo mais-que-humano (Iared, 2018). Assim direcionados, vemos uma lógica de imersão na natureza que se opõe às perspectivas objetificadoras dos componentes do meio ambiente. Problematizamos a noção estabelecida de objeto, ao nos orientarmos pela retomada da noção de coisa, porosa e fluida, perpassada por fluxos vitais, integrada aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente (Ingold, 2012). Destacamos, ainda, que a etnografia se tornou pertinente, porque a multissensorialidade é fundamental para a forma como apreendemos, entendemos e acessamos o lugar em uma perspectiva mais-que-humana.

Pressupomos que essa metodologia, ao desenhar-se pelo “envolvimento sensorial provocado pelo corpo em movimento” (Iared, 2018, p. 194), evocaria, nos sujeitos envolvidos no processo, um entregar-se de forma visceral. Na busca pela compreensão dessa maneira de estar no meio ambiente, apostamos ser possível, também, problematizar a forma como produzimos significados ambientalmente condizentes com uma virada ontológica (Iared, 2018) e, portanto, escolhemos uma maneira menos antropocêntrica de movermos e posicionarmos nosso corpo nas diversas paisagens (urbana e/ou rural) que as trilhas nos ofertaram. O corpo e o mundo mais-que-humano, nessa perspectiva, apresentam relação de correspondência a partir da literalidade da experiência do observar/observar-se e perceber/perceber-se em movimento.

Procedimentos metodológicos

As trabalhadoras e os trabalhadores da educação que participaram de nossa pesquisa já caminhavam, aos sábados pela manhã, muito antes de nosso convite. O grupo se formou para as caminhadas no ano de 2019. Segundo relatos, a necessidade de relaxar das demandas escolares surgiu, naturalmente, durante bate-papos nos diferentes espaços da EEEM N. S. L. Desde então, o grupo, segundo elas e eles, aproveita o cansaço acumulado durante a semana para relaxar, caminhando aos sábados de madrugada. Obtivemos conhecimento da atividade recreativa, em outubro de 2020. No entanto, só recebemos o convite para participar das caminhadas, via inserção no grupo de *WhatsApp*, em dezembro



de 2020. Ainda, por conta da pandemia, os encontros presenciais só foram retomados em julho de 2021. Ressaltamos que fizemos uma imersão no exercício do caminhar dessas trabalhadoras e desses trabalhadores para buscar “mostrar como o conhecimento emerge a partir das encruzilhadas de vidas vividas junto com outros” (Ingold, 2016, p. 407).

Toda essa dinâmica nos levou a abraçar a maior versatilidade possível de aparato tecnológico, em vista da organização e execução da caminhada, pensando, sempre, na melhor maneira possível de apreender, nas experiências estéticas, expressões subjetivas que pudessem subverter a lógica antropocêntrica que predomina nas formas de ocupação humana do espaço. Essa característica do *locus* de estudo nos exigiu, então, suprir a necessidade de estabelecermos coerência entre os campos ontológico, epistemológico e metodológico da presente pesquisa.

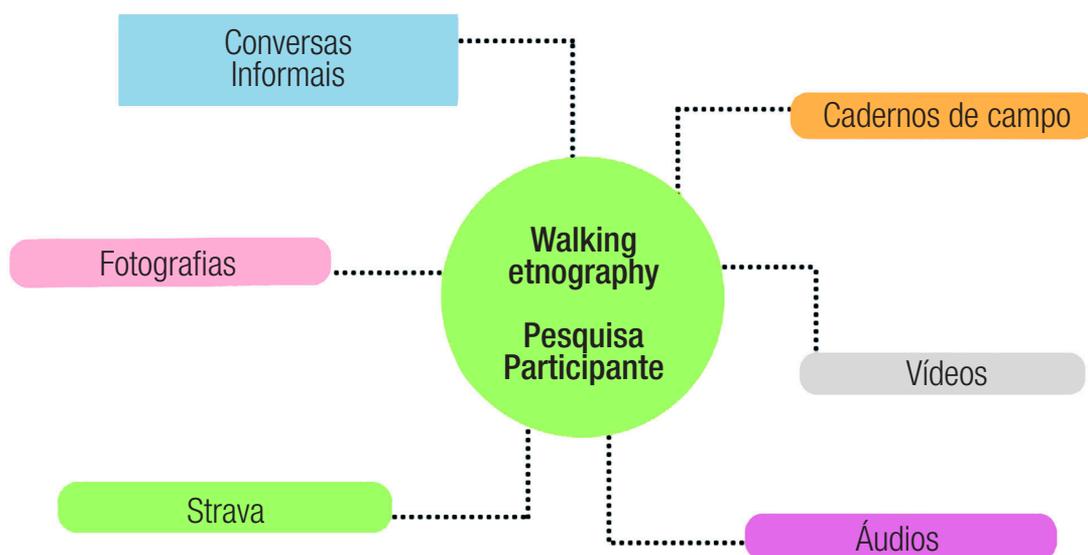
Aprendemos de Ingold (2016, p. 407) que o compromisso ontológico se cristaliza na pesquisa, quando o pesquisador, ao recorrer à observação participante, se torna ciente de que esta, “não é, em absoluto, uma técnica à paisana para coleta de informações das pessoas, mas sim, a contemplação, em ato e palavra”. Para o antropólogo, a observação participante, como uma estratégia metodológica à etnografia tradicional, significa, “ver o que acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir” (Ingold, 2016, p. 407). Como pesquisador participante, tínhamos ciência de que estávamos num movimento de *sinestesia*, pois nossos corpos mergulharam, de maneira sensitiva, num ambiente carregado de estímulos (calor, frio, chuva, sol, água, terra, ar, dia, noite, amanhecer, anoitecer, fogueira, pescaria, ventos etc.).

Essa escolha se deu pela preocupação com os aspectos não representacionais da experiência estética que estariam em análise, bem como seu potencial na apreensão das percepções sensitivas e afetivas dos sujeitos envolvidos numa mesma experiência estética. Afinal, compreendemos que a produção de conhecimento deve preocupar-se não somente com as representações mentais da realidade, mas, igualmente, com o modo como essas representações são produzidas, praticadas corporalmente no decorrer das ações e interações (Gomes; Silva; Iared, 2020). Para Ingold (2016), a observação participante é a principal maneira de se trabalhar etnograficamente, e tal proposta carrega em si, como arcabouços perceptivos do entorno, os sentidos do paladar, tato, olfato, visão e audição de observador e observado ao serem mergulhadas em possibilidades de experienciar as multissensorialidades do corpo em movimento.

Durante a outra técnica utilizada (*walking ethnography*), focamos nos deslocamentos, com vistas a produzir e vivenciar experiências estéticas. Segundo Iared e Oliveira (2017), o *walking ethnography* considera a perspectiva de imersão do/a pesquisador/a dentro do evento do estudo. Nesse sentido, mais do que observar/descrever, a experiência é vivenciada e testemunhada por todas/os as/os envolvidas/os (Iared; Oliveira, 2017, p.104). A opção por tal técnica se dá por a considerarmos fundamental na apreensão do sensível, visto que, como já apresentado, também estivemos imersos nas experiências que as caminhadas proporcionaram.

O longo período de aproximação (dezembro de 2020 a abril de 2022) possibilitou que nosso referencial teórico metodológico fosse ganhando corpo, germinando ideias para a produção de nossos dados. Quando, enfim, nos apropriamos das caminhadas com o intuito de produzir dados, cada instrumento de análise nos exigiu pensar nas possibilidades do que seria empregado para a captação da experiência vivida. A Figura 1 descreve técnicas utilizadas para a produção e registro dos dados produzidos.

Figura 1 – Técnicas de produção de dados e *corpus* de análise



Fonte: Elaboração própria, 2025.

As conversas informais foram registradas, na forma escrita, em um caderno de campo de bolso. Neste, também fizemos registros de fontes diversas que se tornaram focos de nossa atenção quando nos demos conta de que os bocejos, relaxamentos e alongamentos dos braços e expressões orais soltas poderiam ser acessados durante paradas para um café, descanso ou bate-papo aleatório. Acreditamos que, sem tais anotações, os registros de respostas corporais, gerados ao longo dos percursos, ficariam guardados na intimidade da reflexão individual. No entanto, o caderno de campo para registro das sensações se mostrou limitado quando testemunhamos as correspondências entre os encontros dos corpos. Logo, o registro fotográfico foi fundamental quando testemunhamos os olhares contemplativos, corpos rendidos à sombra, à chuva, à brisa ou aos feixes de luz solar que atravessavam os sentidos.

Os áudios e vídeos se tornaram *corpus* de análise na medida em que o estudo foi se delineando. Mesmo não fazendo uso de aparato tecnológico com o intuito de gravar



diálogos, tivemos a oportunidade de, com as câmeras dos celulares em mãos, tornar essa ferramenta imprescindível na garantia de um *corpus* de análise denso. Às vezes, a intensidade das experiências estéticas, a escuridão da madrugada ou o sol escaldante contribuíram para dificultar a captura de respostas corporais por meio de caderno e foto. Isso fez com que os áudios, mesmo que poucos, servissem como fonte de relatos potentes na construção de (eco)narrativas. As imagens em movimento, presentes nos vídeos, também foram consideradas potentes. Essas, mesmo que feitas à distância, comprometendo o áudio, nos forneceram importantes respostas corporais para a produção de (eco)narrativas. Por meio delas, tornou-se possível que percebêssemos, durante encontros e desencontros, a redução ou aceleração de passos e outras respostas corporais. Por fim, o aplicativo *Strava* permitiu o registro do percurso feito, retratando a duração, relevo, velocidade e opções de cada dia de caminhada.

Produção de dados

Nossa aproximação com os participantes da pesquisa, durante aqueles dezessete meses (dezembro de 2020 a abril de 2022), objetivou o estreitamento de laços. Vale recordar que obtivemos conhecimento desse grupo em conversa informal com um colega de profissão, ao responder uma pergunta sobre o doutorado e o que nós estávamos planejando pesquisar. Depois de algum tempo, percebemos ter sido adicionados ao grupo de *WhatsApp* do pessoal da caminhada, iniciando-se, assim, nossa *caminhada acadêmica*. Passaram-se muitos meses, desde a inserção no grupo, até o dia em que começamos as caminhadas multissensoriais. O relaxamento das medidas restritivas, adotadas durante a pandemia, permitiu que, em 10 de julho de 2021, o grupo retomasse as caminhadas. O grupo de *Whatsapp*, denominado *Caminhada de sábado*, tinha, aproximadamente, trinta trabalhadores da educação, porém, apenas uma vez a caminhada foi realizada com todos os integrantes. Geralmente, a caminhada contava com uma média de onze pessoas entre um sábado e outro.

O segundo momento de nossa itinerância ficou no plano de recrutamento, por meio de convite de participação, nos dias 12 e 19 de março de 2022, durante as caminhadas de sábado. Tendo em vista que o grupo e as caminhadas já existiam, e que fomos convidados a integrar a equipe, julgamos como um compromisso ético estender o convite a todos(as) os(as) trabalhadores(as) da comunidade escolar que desejassem participar da pesquisa. Portanto, o convite foi feito, primeiramente, de maneira aberta e informal e, em seguida, de maneira direta e individualizada. Quatro pessoas aceitaram participar da produção de dados e, posteriormente, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido⁷ (TCLE).

O terceiro momento de nossa produção de dados foi mais duradouro e desafiante. Durante um período de 12 (doze) meses (abril de 2022 a abril de 2023), realizamos a

7- A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética sob o protocolo 5.259.254 do Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná.

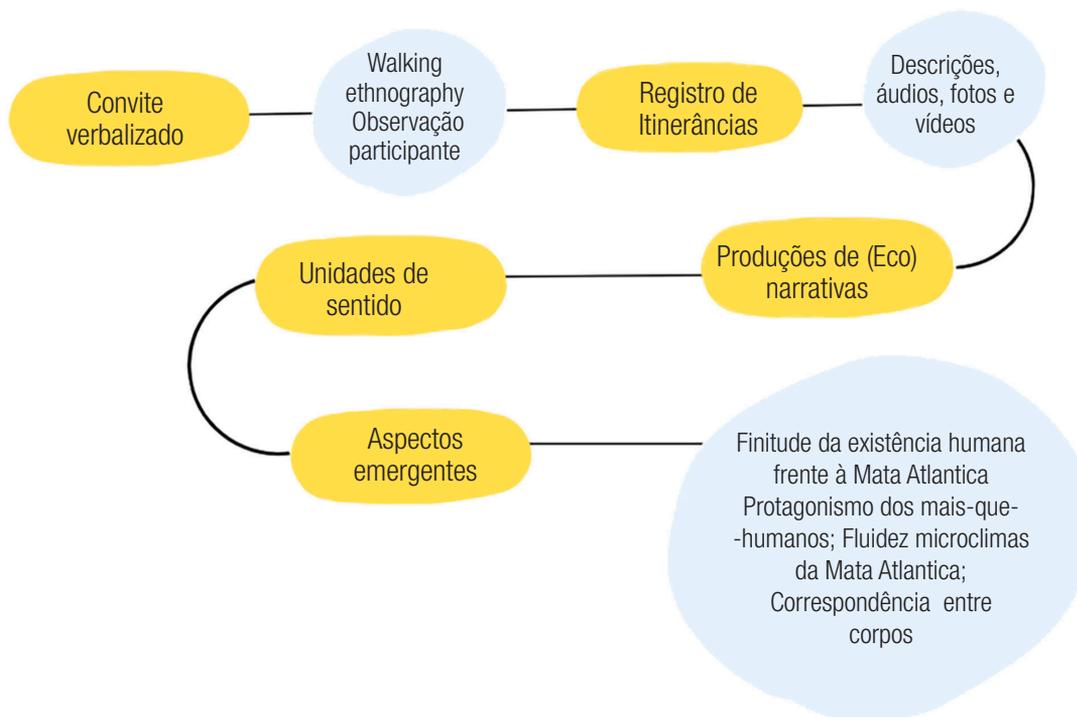
pesquisa etnográfica. Havia momentos em que os participantes questionavam se realmente estávamos estudando ou *curtindo* as paisagens e o *bom papo*. Provavelmente, essa *preocupação* por parte dos caminhantes originava-se na maneira com que suas contribuições eram dadas, afinal, o deslocamento dos corpos, naquele momento, se resumiu a caminhadas desprentensiosas de *manipulação/controle* do corpo. Esses momentos, apesar de espontâneos, consistiram no registro, por meio de diversos instrumentos (como já apresentado), das respostas corporais.

A quarta etapa foi concomitante à terceira. Para cada caminhada foi produzido um registro descritivo das respostas corporais às multissensorialidades do meio e, também, uma (eco)narrativa, totalizando, ao final de um ano de produção de dados, quarenta (eco)narrativas. A ideia é que o momento anterior à escrita nos permitisse um mergulho na natureza no nível pré-reflexivo e que, posteriormente, sua descrição da experiência (eco)narrativa) sinalizasse para possível potencial de perspectiva não antropocêntrica de educação ambiental. A (eco)narrativa é definida, aqui, como uma descrição da experiência vivenciada pelo corpo num espaço-tempo na/da/com a natureza, que carrega consigo, ou não, potencial de apreensão do *ecobecoming* – o ser e se perceber como natureza – (Payne, 2013), podendo facilitar a “identificação e discussão das respostas afetivas que estão relacionadas ao fato de o corpo estar imerso no fluxo do movimento com o mundo” (Iared; Oliveira, 2017, p. 104).

Já a quinta etapa consistiu em reunir as (eco)narrativas e apreciá-las individualmente. Posteriormente, reunimo-las em apenas uma (eco)narrativa para cada participante. As (eco)narrativas foram devolvidas aos participantes para acrescentar, suprimir, alterar trechos das descrições testemunhadas durante suas experiências estéticas. Depois da devolutiva, novamente as (eco)narrativas foram reexaminadas, minuciosamente, para a seleção de unidades de sentido (Bicudo, 1994). Tais excertos, que “representam as ideias que melhor representam o fenômeno” (Alves; Buffon; Neves, 2021, p. 208), contidos na subjetividade das (eco)narrativas, têm a finalidade, aqui, de aprofundar a análise e discussão dos dados, no sentido de apontar a existência de aspectos emergentes que sobressaíram dentro da dimensão de propostas de educação ambiental menos antropocêntrica.

Com esse material revisado em mãos, por fim, veio a sexta etapa. Nesta, nos dedicamos a analisar os dados, produzir os aspectos emergentes para buscarmos acessar os laços que interligam os sentidos e significados das experiências vividas ao modo de ser na-com os mais-que-humanos de cada participante, para, enfim, no tópico *Resultados e discussões*, descortinar o potencial das caminhadas na natureza para uma educação ambiental menos antropocêntrica. Cada percurso do caminho metodológico está exemplificado em nossa *trilha metodológica ilustrativa*, representada na Figura 2.

Figura 2 – Trilha metodológica ilustrativa



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Para o propósito deste artigo, apresentamos e discutimos, a seguir, trechos de algumas das (eco)narrativas à luz da ecofenomenologia, com vistas a costurar/dialogar os posicionamentos, ético e político, subentendidos nos variados assuntos que emergiram de diferentes expressões, a fim de levantar as potencialidades e fragilidades dos mergulhos multissensoriais durante caminhadas na natureza.

Resultados e discussão

Desejando evitar que os sujeitos possam ser associados às (eco)narrativas, eles e ela foram denominados P1, P2, P3 e P4. O P significa, aqui, participante, já o numeral (1, 2, 3 e 4) significa a ordem de chegada no grupo de caminhada. No Quadro 1 apresentamos, de maneira resumida, algumas características gerais dos participantes da pesquisa, visando familiarizar o leitor acerca das especificidades e generalizações de nossos participantes.

**Quadro 1 – Perfil sucinto dos participantes da pesquisa**

Participante	Idade	Tempo de trabalho na educação	Função na escola	Características gerais
P1	54	18 anos	Vigilante	<ul style="list-style-type: none">– Homem alto, pardo, casado, pai de um filho.– Nascido em Pinheiros-ES.– Na infância, explorava, para o lazer, as áreas rurais de Pinheiros.
P2	52	21 anos	Auxiliar de serviços gerais	<ul style="list-style-type: none">– Homem baixo, negro, casado, pai de um filho.– Não nativo da região.– Conhecedor da vida selvagem quando retirava da natureza, em companhia do pai, o sustento familiar.
P3	33	06 anos	Docente	<ul style="list-style-type: none">– Homem negro, solteiro e filho único.– Nascido em Pinheiros-ES.– Instrutor de escoteiros mirins, apaixonado pelas histórias de aventura do pai.
P4	46	19 anos	Docente	<ul style="list-style-type: none">– Mulher branca, casada, mãe de três filhas e avó de duas netas.– Nasceu na região rural de Pinheiros.– Conhecedora de ervas medicinais ensinadas pelo pai em sua infância

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

A imersão em caminhadas na natureza proporcionou uma compreensão profunda das experiências multissensoriais vivenciadas pelas trabalhadoras e pelos trabalhadores da educação da comunidade escolar, destacando a indissociabilidade do mundo mais-que-humano.

Aspectos emergentes

Como apontado, os resultados obtidos destacaram quatro aspectos emergentes que se revelam como pilares fundamentais para se pensar em construir práticas de educação ambiental menos antropocêntricas, a saber: 1) Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica; 2) Protagonismo dos mais-que-humanos; 3) Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica; 4) Correspondência entre corpos compõem a tapeçaria sensorial que envolveu os caminhantes. A análise desses aspectos emergentes, sob o viés ecofenomenológico, evidencia a coexistência dinâmica entre humanos e mais-que-humanos. Os referidos aspectos emergentes surgiram a partir da triangulação das (eco)narrativas, provendo respostas à nossa questão de pesquisa. Portanto, os aspectos emergentes são concebidos como as experiências multissensoriais que vieram à tona durante as caminhadas com as trabalhadoras e os trabalhadores da comunidade escolar. Neste ponto da discussão



dos dados, salientamos que os aspectos emergentes são adotados como expressões do “território selvagem” - espécies de agência material “que podem surpreender, incomodar, aterrorizar ou desconcertar os humanos” (Alaimo, 2017, p. 920), como observado nos relatos dos participantes que problematizamos aqui.

Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica

Pensar em educação ambiental a partir de mergulhos multissensoriais na natureza é pressupor que o ambiente é dotado de potenciais afetivos. Potenciais, estes, que só são agentivos se em encontro com corpos também agentivos. Também, implica reconhecer que as experiências estéticas ampliam a compreensão acerca de nosso modo de estar no mundo. Ou seja, acatando a premissa de Merleau-Ponty (1999), entendemos que a experiência do mundo antecede a consciência sobre o mundo, pois a última refuta a grandeza ontológica da experiência.

Com isso em mente, vemos que os resultados do artigo apontam que a *Grandeza estética da planície da costa da Mata Atlântica*, encontrada latente nos mais-que-humanos, têm o potencial de provocar reflexões acerca dos modos de ocupação humana (caminhantes) do espaço e dos sentimentos que movem seus desejos no que tange ao consumismo. Sob esse aspecto, cabe destacar que entendemos o consumo como necessário para nossa sobrevivência, enquanto o consumismo é uma postura de excesso, advinda do contexto neoliberal. Observamos, nos trechos selecionados, que as paisagens que se mostram para os caminhantes têm valor distinto daquele negociável pelo capital, no entanto, são de fundamental importância para o bem-viver:

Se eu tivesse dinheiro, eu não ia querer mais nada nesse mundo, só comprar essa área bem aqui e construir uma casa para poder acordar com essa paisagem. Não tem dinheiro que pague uma coisa dessa (Trecho da 1ª (eco)narrativa - P2-16/04/2022).

Concordamos que é preciso demorar mais nos espaços e no lugar, para que possamos atribuir e receber significado dele, por meio da corporeidade ativa (Payne; Wattchow, 2009). As respostas afetivas, que transparecem nas (eco)narrativas de P3, nos mostram o potencial das experiências estéticas na natureza como gatilho para a valoração da vida, por meio da contemplação da natureza, vivenciando uma espécie de freio na agitação e pressa dos corpos, permitindo que repensemos a vida conturbada em que nossos corpos estão mergulhados, como lemos nos seguintes excertos:

O sereno denso estava a ser cortado pela força do sol e se estendia por toda a baixada à nossa frente. Ele pede uma pausa (Trecho da 40ª (eco)narrativa - P3-15/04/2023).

Todos reduziram bruscamente seu ritmo e respiraram fundo. Estávamos a recarregar as baterias (Trecho da 40ª (eco)narrativa -P3- 15/04/2023).

Tais declarações, instintivamente, nos levam a concordar que estar ali, por mais de um momento fugaz, pode resultar em “vivências significantes” (Marin; Kasper; 2009,



p. 281), que, por sua vez, têm potencial de revigorar os corpos. É sob esse aspecto que a noção de educação da atenção de Ingold (2010, p. 21) nos permite inferir que experienciar a *Grandeza estética da planície da costa da Mata Atlântica*, pode revelar que a percepção não é dada por uma mente dentro de um corpo, mas, sim, “como uma atividade de todo o organismo num ambiente”, afinal, testemunhamos redução na intensidade da respiração, a visão se preocupou em apurar o cenário e os fluxos de pensamentos se reduziram. Não havia acordo prévio de parar ali. No entanto, a força agentiva daquele lugar sugeriu tal ação. Assim, a experiência estética despertou nos sujeitos rememorações felizes de encontro com o belo e o vasto.

Essas vivências foram responsáveis pelo afetamento de suas subjetividades, de tal forma que potencializaram/germinaram ideias de projeção de seus futuros pós-aposentadoria. Esse detalhe nos leva a compartilhar da seguinte percepção: “a forma como percebemos e atuamos no mundo emerge das nossas capacidades sensoriais” (Iared, 2018, p. 185), como podemos observar na expressão abaixo:

Durante os trinta dias de férias, caminhou vindo o mar, numa visita à casa de sua irmã. - Quando eu aposentar, vou morar na beira da praia (Trecho da 1ª (eco)narrativa- P1, 2022).

Ao assimilarmos a experiência estética citada, dentro da perspectiva de caminhada retirada do artigo de Machado e Muller (2011), concordamos que o caminhar é uma maneira de pensar-em-movimento. Portanto, pode ser uma prática de formação de conceitos, experiencial, intensa e colaborativa. Acatamos essa percepção, porque testemunhamos que um corpo em deslocamento, além de lembranças prazerosas que emergiram, também serviu de gatilho para lembranças de outros mergulhos na natureza. Ou seja, a experiência estética trouxe prazer que, por sua vez, produziu desejos que, por fim, se materializaram em um projeto de vida a ser realizado em caminhadas futuras.

Protagonismo dos mais-que-humanos

Payne e Wattchow (2009, p. 19, tradução nossa) afirmam que variação sazonal de luz, clima e temperatura pode ser conhecida como uma resposta corporal perceptual/sensorial e “comparação experiencial”. Nossos dados convergiram com a noção de corporeidade imersa nos (micro)climas, como podemos ver no seguinte relato:

Olha só Alberto, eu acho que é fim dos tempos mesmo! Um dia um calor infernal, no outro um frio de lascar, no próximo uma ventania terrível e hoje? Olha, hoje!”. Estamos em setembro. Não é normal um clima desse. Ele acrescenta: “O homem colhendo o que plantou (Trecho da 22ª (eco)narrativa- P2, 2022).

Ao apoiarmos a (eco)narrativa acima na noção de *enskilment*⁸ de Ingold (2000), propomos um corte e sobreposição de aprendizagens de habilidades motoras criadas pela

8- Conhecimento profundo, tácito e prático – um tipo de know how ou habilidade local que emerge, progressivamente, à medida que um indivíduo se torna intimamente familiarizado com uma tarefa e o que o rodeia (Ingold, 2000).



visão tradicional de mundo em que prevalece a divisão entre mente e corpo e corpo e mundo, por uma aprendizagem que, por exemplo, reconhece a predominância/influência de diferentes condições climáticas em curto intervalo de tempo, ocorrendo de maneira inseparável do fazer e do lugar.

As caminhadas emergiram como um espaço de aprendizagem encarnada, transcendendo a visão tradicional de atividade física para se tornar uma jornada rica em significados e aprendizados, assim como potente para desvelar a compreensão da complexidade das relações, ou seja, forte para construir senso de “relacionamento com o mundo natural” (Iared *et al.*, 2021, p. 2), a partir da transposição dos muros da escola, como vemos nos trechos abaixo:

Rapaz!! Aqueles meninos da escola (estudantes) tinham que vir ter aula aqui. Pra ver a coisa como ela é!! (Trecho da 21ª (eco)narrativa – P2, 2022).

Nunca tinha notado antes como o mundo pode parecer tão vivo e vibrante depois de dias chuvosos! Olha que maravilha! (Trecho da 29ª (eco)narrativa – P3, 2022).

Sentindo o cheiro de chão de terra molhada (Trecho da 37ª (eco)narrativa – P3, 2023).

O potencial dos mergulhos multissensoriais apontados nos relatos, nesse subtópico, se mostra importante uma vez que advogamos por quebra de paradigmas, tanto na dimensão da produção do saber que ocorre dentro e entre o meio acadêmico, como também nas instituições formais de ensino básico, que é onde se aplicam as práticas de educação ambiental propostas.

Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica

O aspecto emergente deste subtópico remete à fenomenologia de Merleau-Ponty, quando nos insta a pensar na emergência da significação nos encontros com o mundo vivido (humanos e mais-que-humanos), a partir da experiência estética. Para o referido filósofo “A verdade não ‘habita’ apenas o ‘homem interior’, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece” (Merleau-Ponty, 1999, p. 6).

A interação constante e dinâmica evidenciou a coexistência entre diferentes elementos, sejam eles faunísticos, florísticos, microclimas ou recortes paisagísticos. Essa coexistência não se limitou à mera observação; ao contrário, os participantes interagiram ativamente, respondendo aos estímulos sensoriais proporcionados pelo ambiente, como podemos ver nos trechos que se seguem:

Seu olhar sobre o espelho d’água o faz diminuir a velocidade. Sua mão vai para a cintura, como se a paisagem se apresentasse a ele como uma criança fazendo alguma traquinagem. (Trecho da 8ª (eco)narrativa – P2, 2022).



P2 se encanta até mesmo pelo seu aspecto. Ele toca as folhas das bananeiras com cuidado e bate com orgulho no tronco. Comenta até do vermelho forte do “coração” do cacho (Trecho da 36ª (eco) narrativa – P2, 2023).

Posto isto, percebemos, nos relatos abaixo, percepções sensoriais dos participantes quanto às relações de correspondências dos mais-que-humanos. Afinal, as respostas corporais denotam o entendimento de que se faz necessário atentar às diferentes e singulares maneiras de comunicação dos mais-que-humanos:

P2 se encanta até mesmo pelo seu aspecto. Ele toca as folhas das bananeiras com cuidado e bate com orgulho no tronco. Comenta até do vermelho forte do “coração” do cacho (Trecho da 36ª (eco) narrativa – P2, 2023).

Não contente em pegar com o graveto, aproxima-a de seu rosto, apalpando-a. Em seguida exclama: “– Ave Maria, como são resistentes. As teias de aranhas que havia no quintal de minha casa nem chega no pé dessa” (Trecho da 11ª (eco)narrativa- P3, 2022).

Ela volta, pega com delicadeza as flores e cheira. Suas mãos correm sobre as pétalas como as de um casal apaixonado em despedida (Trecho da 4ª (eco)narrativa- P4, 2022).

As experiências estéticas potencializaram transformações dos sujeitos ao se subordinarem às forças de agências da natureza, sem que despertassem o desejo de dominação/manipulação ou exploração dos *recursos naturais*, regido pela lógica de consumo do capital. A literatura sobre educação ambiental destaca a importância de práticas que transcendam o antropocentrismo e advoguem por uma *epistemologia compreensiva* (Carvalho; Grün; Avanzi, 2009), cuja orientação ecológica seja indicativa do reconhecimento das relações simétricas entre humanos e mais-que-humanos. Defendemos a percepção de que os mais-que-humanos apresentam agências quando o sujeito se constrói na interação (Alaimo, 2017). Para Barad (2003), essas agências não estão alinhadas com a intencionalidade ou a subjetividade humana. Nem apenas acarretam uma ressignificação ou outros tipos específicos de movimentos no âmbito de uma geometria social de anti-humanismo. A agência é uma questão de intra-ação; é uma representação, não algo que alguém ou alguma coisa tem. A agência não é absolutamente um atributo - é um “fazer”/“ser” em sua intra-atividade (Barad, 2003, p. 826).

Correspondência entre corpos

A análise das (eco)narrativas propiciou situarmos a composição dos trajetos como uma colcha de retalhos. Os excertos abaixo permitem que percebamos a conformação do meio, a partir da presença ativa do ser humano, de tal forma que expulsa o estado de dormência e desperta nos caminhantes curiosidades e sensação de prazer. Ou então, provocam percepções do belo nas paisagens novas que surgem durante os deslocamentos. No entanto, os *recortes paisagísticos* também fazem emergir sentimentos de repulsa, decepção acerca das irresponsabilidades ambientais.



Percebe-se a mudança de sua postura corporal quando algo do percurso chama sua atenção... (Trecho da 7ª(eco)narrativa- P1, 2022).

E lá está ele (...) a perceber e contemplar paisagens imponentes. (Trecho da 8ª (eco)narrativa- P1, 2022).

Rapaz, o quê que custa esperar o dia do caminhão passar. Olha só galera, eu fico com lixo dentro de casa, mas só levo para fora na quarta-feira, que é o dia do caminhão passar recolhendo. (Trecho da 6ª (eco)narrativa- P1, 2022).

Ela está falando pouco e baixo. Enquanto atravessamos a cidade pelas ruas pavimentadas, o grupo vai sendo tomado ainda mais por um silêncio assustador. [...] os participantes da pesquisa estão a encarar o chão. Seus ombros e cabeças baixas. (Trecho da 36ª (eco)narrativa- P4, 2022).

As experiências estéticas na natureza despertaram lembranças de infâncias mergulhadas em multissensorialidades, nos levando a acreditar que elas foram fundamentais na construção de uma identidade ambiental. Também, as consideramos como estimuladoras de ideias para se pensar na saúde do ambiente onde as pessoas circulam. Essas observações convergem com resultados de Payne (2000, p. 70, tradução nossa), ao nos dizer que “o próprio ser (corporificado) nas experiências estéticas é um ponto na direção certa para compreender a própria identificação com o meio ambiente, a natureza, ou sua crise”. Como podemos observar nos relatos que trazemos abaixo, as experiências estéticas na infância foram indispensáveis para consolidar modos de vida adulta que denotam respeito aos mais-que-humanos:

- Ele se relaciona desde a infância com as árvores. Podemos vê-lo alisar uma árvore em silêncio. Porque se não fosse a mão humana para dar fim à sua vida, ela não correria o risco de ser assassinada. (Trecho da 35ª (eco)narrativa- P2, 2023).

- Tenho a impressão que ele está ao mesmo tempo pedindo desculpas pelo mal que um dia causou a outros vegetais, ademais está conhecendo outra maneira de interação para além da morte. (Trecho da 33ª (eco)narrativa- P2, 2023).

Para além das lembranças agradáveis, o cenário que se desvela, a partir dos excertos que inserimos, também realça a força que o movimento (dos corpos na natureza) têm para o estímulo à sensibilidade. As unidades de sentido germinam sentimentos de arrependimento, incompreensões e orgulho de formas relacionais outrora vividas. Assim, o movimento pode ser reconhecido com potencial de colocar o corpo em resposta às forças agentivas do ambiente. Pressupondo-se, assim, que o movimento tem potencial de ser “gerador de afetividades” (Iared, 2018, p.186).

Considerações finais

Uma pesquisa fenomenológica é singular ao olhar de cada pesquisador, de maneira que há variadas percepções do fenômeno estudado. Sendo assim, este pesquisador chegou ao *fim* de uma caminhada assinalada pelos *movimentos*, pelos *graciosos* encontros e *desencontros*, pelas *experiências*, *envolvências* e, especialmente, por *itinerâncias* (idas,

vindas e descansos), nessa existência que é o nosso lugar de produção da vida. Nesta investigação, uma pré-aproximação pelo aplicativo *WhatsApp* facilitou nosso primeiro encontro presencial, no entanto, recordamos que a construção de afeto e respeito deles e dela para conosco, ainda usando máscara de proteção, não foi uma tarefa fácil. De maneira que este estudo sinaliza que o tempo para se realizar esse tipo de pesquisa pode ser um limitador para a produção robusta de dados.

Quanto aos objetivos específicos deste estudo, identificamos que a/os caminhantes têm o caminhar na natureza como uma maneira de vivenciarem processos de envolvimento intelectual, sensorial e emocional/afetiva. Também, atuam como mola propulsora para o surgimento de marcas das trajetórias na natureza durante a infância dos caminhantes. Eles e ela viveram experiências estéticas na natureza e isso assinalou os mais-que-humanos como responsáveis pela afetividade que o grupo demonstrou para com a natureza. No entanto, identificamos, na revisão da literatura que fundamenta este artigo, uma inanidade preocupante quando se trata de práticas de educação ambiental norteadas por parâmetros estruturados na inteligência sensorial e não apenas na apreensão intelectual.

Diante disso, estudos futuros se fazem frutíferos para melhor compreender essa lacuna cultural que culmina na desvalorização da educação ambiental sensível.

Em uma perspectiva mais-que-humana, a paisagem tem história, o habitar a paisagem compõe nossas relações humanas, nossa identidade e nossa trajetória ambiental. Eles e ela, sujeitos da nossa pesquisa, coproduziram conhecimentos sobre o particular e o global, problematizando os diferentes temas acerca das questões ambientais, econômicas, sociais e políticas. No entanto, apesar de nossa metodologia ter demonstrado vigor com quatro participantes, uma vez que levamos em consideração que um número elevado de pessoas poderia nos deixar dispersos em meio a tantas respostas corporais, o estudo ressalta um elemento a ser explorado acerca de uma possível limitação metodológica quanto a um número elevado de pessoas a serem acompanhadas. Entendemos que, caso ampliássemos o número de participantes da pesquisa, a compreensão dos fenômenos, sob o viés epistemológico, se tornaria dificultosa, pois poderíamos correr o risco de ficarmos entre tantos relatos e histórias de vida que, naturalmente, diluiríamos as experiências estéticas produzidas.

Embora este estudo não tenha objetivado prescrever as caminhadas na natureza como manual a ser seguido para práticas de educação ambiental menos antropocêntricas, advogamos que essa forma de ocupação da natureza pode implicar em práticas de educação ambiental em que os mais-que-humanos estão em condições simétricas no processo e, também, despertem sentimentos éticos de respeito à alteridade de outros seres – os que têm vida e os que têm existência – para além dos seres humanos. No entanto, por conta da limitação desta pesquisa, não foi possível explorarmos essas forças agentivas que potencializam a dimensão ética dos participantes da pesquisa, de maneira que sugerimos que novos trabalhos venham a se debruçar sobre essa temática.

É uma pena que o estudo tenha mostrado que as histórias individuais do pesquisador e dos participantes da pesquisa vinculadas a vivências com~no ambiente que atravessaram as (eco)narrativas, quando discutidas a partir dos diálogos e das análises apoiadas na teoria, foram motivo de preocupações, pois o pesquisador foi tomado pelo temor de tornar



frágeis tais vivências e experiências, quando convertidas em um texto acadêmico, ainda que banhado de um olhar poético e impressões de que um novo mundo está logo ali, na esquina. Essa vivência documentada abre frestas/leques para a experimentação de outras pesquisas, para se compreender melhor as possibilidades dos mais-que-humanos nos processos formativos de cidadãos e educadores ambientais mais sensíveis, pois entendemos que são necessários mais esforços para garantir a expansão de novas ontologias.

Referências

ALAIMO, Stacy. Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 909-934, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/frjFtMLQ6FhwyRj8VVS9xSB/?lang=pt#>. Acesso em: 5 jan. 2024.

ALVES, Marcos Fernando Soares; BUFFON, Alessandra Daniela; NEVES, Marcos Cesar Danhoni. A fenomenologia como abordagem metodológica. *In*: OLIVEIRA JUNIOR, Carlos Alberto de; BATISTA, Michael Corci (org.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. Maringá: Massoni, 2021. p. 203-252.

BARAD, Karen. "Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter". **Signs**, Chicago, v. 28, n. 3, p. 801-31, 2003.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a Fenomenologia. *In*: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitoria Helena Cunha (org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Unimep, 1994. p. 15-22.

BROWN, Charles; TOADVINE, Ted (ed.). **Eco-phenomenology: back to the Earth itself**. New York: New York State University Press, 2003.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura.; GRÜN, Mauro.; AVANZI, Maria Rita. Paisagens da compreensão: contribuições da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da educação ambiental. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 29, n. 77, p. 99-115, jan./abr. 2009.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos; GONZAGA, Francisco Learning from a more-than-human perspective: Plants as teachers. **The Journal of Environmental Education**, London, v. 51, n. 2, p. 144-155, 2020.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; MUHLE, Rita Paradedda. Intenção e atenção nos processos de aprendizagem. Por uma educação ambiental "fora da caixa". **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 21, n. 1, p. 26-40, 2016.

COOLE, Diana; FROST, Samantha. **New materialisms: ontology, agency and politics**. Durham; London: Duke University, 2010.

DUARTE, Júlio Corrêa de Resende Dias; SATO, Michele; PAZOS, Araceli Serantes. A educação ambiental do caminhar. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 35, n. 3, p. 94-113. 2018. DOI: 10.14295/remea.v35i3.8111. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/8111>. Acesso em: 22 jan. 2024.



GOMES, Helen Abdon.; SILVA, Cyntia Thaís da; IARED, Valéria Ghislotti. Afetividade, emoção e a experiência estética na Pesquisa em educação ambiental. *In*: BRITO, Glauca da Silva (org.). **Cultura, escola e processos formativos em educação: percursos metodológicos e significativos**. Rio de Janeiro: BG Business Graphics, 2020. p. 244-258.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene: making kin. **Environmental Humanities**, London, v. 6, n. 1, p. 159-165, 2015. DOI: 10.1215/22011919-3615934.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

IARED, Valéria Ghislotti. (Eco)narrativa de uma caminhada na floresta australiana. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande, v. 36, n. 3, p. 198-212, set./dez. 2019.

IARED, Valéria Ghislotti. Etnografia em movimento como possibilidade para a interpretação da experiência estética da natureza. **Cadernos de Pesquisa**, Curitiba, n. esp., p. 184-203, 2018.

IARED, Valéria Ghislotti; HOFSTATTER, Juliani Vallin; DI TULLIO, Ariani.; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Educação ambiental pós-crítica como possibilidade para práticas educativas mais sensíveis. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/9D6qd7BTPfKvwxT5Z74sBZg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jan. 2024.

IARED, Valéria Ghislotti; OLIVEIRA, Haydée Torres de. O walking ethnography para a compreensão das interações corporais e multissensoriais na educação ambiental. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 99-116, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2017000300097&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jan. 2020.

IARED, Valéria Ghislotti; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Walking ethnography e entrevistas na análise de experiências estéticas no Cerrado. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 1-17, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/143512/138203>. Acesso em: 5 jan. 2024

IARED, Valéria Ghislotti; OLIVEIRA, Haydée Torres de; PAYNE, Phillip. The aesthetic experience of nature and hermeneutic phenomenology. **The Journal of Environmental Education**, London, v. 47, n. 3, p. 191-201, 2016.

IARED, Valéria Ghislotti; OLIVEIRA, Haydée Torres de; REID, Alan. Aesthetic experiences in the Cerrado. (Brazilian savanna): contributions to environmental education practice and research. **Environmental Education Research**, Abingdon, v. 23, n. 9, p. 1273-1290, 2017.

INGOLD, Timothy. **Being a live: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011.

INGOLD, Timothy. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representação à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.



INGOLD, Timothy. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Timothy. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012.

JOHNSON, Mark. **The meaning of the body**: aesthetics of human understanding. Chicago: University of Chicago, 2007.

LE BRETON, David. **Elogio del caminar**. Madrid: Siruela, 2000.

MACHADO, Paulo Romeu Moreira; MULLER, Carine. Caminhada na natureza: prática alternativa de educação física escolar para fins de educação ambiental. **Revista Monografias Ambientais**, v. 4, n. 4, p. 749-757, 2011. DOI: 10.5902/223613083951. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/3951>. Acesso em: 19 jan. 2024.

MARIN, Andréia aparecida; KASPER, Kátia Maria. A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano – ambiente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 267-282, ago. 2009.

MARIN, Andréia Aparecida; OLIVEIRA, Luiz Cláudio Batista. A experiência estética em Dufrenne e Quintás e a percepção de natureza: para uma educação com bases Fenomenológicas. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 15, p. 196-210, jul./dez. 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Tradução de José Arthur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1984.

PAYNE, Phillip. "Amnesia of the moment" in environmental education. **The Journal of Environmental Education**, London, v. 51, n. 2, p. 113-143, 2020.

PAYNE, Phillip. (Un)timely ecophenomenological framings of environmental education research. *In*: STEVENSON, Robert *et al.* (ed.). **International handbook of research on environmental education**. New York: Routledge, 2013. p. 424-437.

PAYNE, Phillip. Vagabonding Slowly: ecopedagogy, metaphors, figurations, and nomadic ethics. **Canadian Journal of Environmental Education**, Ontario, n. 19, p. 47-69, 2014.

PAYNE, Phillip; WATTCHOW, Brian. Phenomenological deconstruction, slow pedagogy, and the corporeal turn in Wild Environmental/Outdoor Education. **Canadian Journal of Environmental Education**, Ontario, n. 14, p. 15-32, 2009.

PINK, Sara. **Doing sensory ethnography**. London: Sage, 2009.



RODRIGUES, Cae. O vagabonding como estratégia pedagógica para a “desconstrução fenomenológica” em programas experienciais de educação ambiental. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 303-327, 2015.

SATO, Michele. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, n. esp., p. 10-27, jul. 2016. DOI: 10.14295/remea.v0i0.5957. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5957>. Acesso em: 7 set. 2021.

SHEETS-JOHNSTONE, Maxine. **The primacy of movement**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

Recebido em: 15.02.2024

Revisado em: 06.08.2024

Aprovado em: 07.10.2024

Editor responsável: Profa. Dra. Viviane Potenza Guimarães Pinheiro Fonseca

Alberto Cabral Ferreira é licenciado em ciências biológicas pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador (FTC), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

Valéria Ghislotti Iared cursou licenciatura e bacharelado em ciências biológicas pela Universidade Federal de São Carlos. É mestre em ecologia pela Universidade Federal de São Carlos e doutora em ciências pela Universidade Federal de São Carlos.